

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

Anete Abramowicz*

Fabiana de Oliveira**

Resumo

Este artigo pretende discutir a história da construção do campo da Sociologia da Infância na Europa e nos países anglo-saxões para, a partir daí, propor algumas possibilidades e inflexões teóricas necessárias para se pensar sobre uma Sociologia da Infância no Brasil. A partir de um debate no interior da Sociologia da Infância procurar-se-á entender o que significa falar da criança e da infância a partir da base estabelecida por este campo, que consagra à criança o papel de sujeito e protagonista da história, e dos processos de socialização. Ou seja, a criança é compreendida como sujeito social capaz de se atribuir significados, sentidos e cultura própria e inusitada. O presente artigo visa ainda desenvolver uma reflexão acerca da utilização da Sociologia da Infância no Brasil, pois diferentemente do contexto europeu, nosso país apresenta especificidades que devem ser consideradas a partir deste referencial teórico e metodológico na pesquisa com crianças. A proposta do artigo pauta-se na consideração das diferenças, levando-se em conta a relação entre a questão racial, de gênero, sexualidade e classe social que devem ser pensadas como linhas que atravessam o debate sobre a criança e a infância, a partir delas mesmas. As temáticas da diferença, diversidade e alteridade são essenciais para entendermos o que vem sendo chamado de “cultura da infância”, bem como o entendimento da criança enquanto “ator social”.

Palavras-chave: Sociologia da Infância no Brasil. Criança e infância. Diferenças. Educação Infantil.

The sociology of childhood in Brazil: a field under construction

Abstract

This article discusses the history of Childhood Sociology in Europe and in the Anglo-Saxon countries to propose, from this point of view, some possibilities and the necessary theoretical inflections to think about Childhood Sociology in Brazil. From a debate within the Childhood Sociology, we intend to understand the meaning of speaking about children and childhood from the base established by

* Doutora em Educação. Docente do curso de Pedagogia e da Pós-graduação em Educação e Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). São Paulo, Brasil.

** Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Alfenas, Minas Gerais, Brasil.

this field, that gives to the child both the roles of subject and protagonist of history and socialization processes. That is, the child is understood as a social subject able to assign meanings and their own unusual culture. This paper aims to develop a reflection about the use of the Childhood Sociology in Brazil because, unlike the European context, our country has specific characteristics that should be considered from this theoretical and methodological frame in research on children. The purpose of the article is guided into taking in account the differences, considering the relationship among racial issues, gender, sexuality and social class that should be thought as lines running through the debate about children and childhood, from their point of view. The themes of difference, diversity and otherness are essential to understand what is being called a “culture of childhood”, as well as the understanding of children as ‘social actor’.

Keywords: Childhood Sociology in Brazil. Children and childhood. Differences. Early childhood education.

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

Criança e infância não são idéias novas. No século XIX muda a visão da infância que passa a ter um olhar médico, já que a mortalidade infantil, a pobreza e o trabalho infantil são evidentes. Depois disso as grandes estatísticas ajudarão a ver a condição da criança. A concepção biológica sobre a criança pasteuriza, assepsia, esteriliza, mede, esquadrinha, normatiza e normaliza a criança e prescreve uma infância. A Psicologia medirá a inteligência, prescreverá o desenvolvimento, dividirá as crianças por idades, por capacidade mental, elaborará *standarts* para observar etapa por etapa da infância até a adolescência. A idade será uma marca, uma categoria prática, fixa e precisa, delimitará os “desviantes”, as crianças imaturas, as que não aprendem, as que não se desenvolvem, determinar-se-á as idades da fala, do andar, de viver sem fraldas etc. A idade, o período de desenvolvimento e a etapa da vida poderão ser colocados em um gráfico, haverá a curva da normalidade e aqueles que se desviam. As crianças crescerão tendo o adulto como foco e sob o seu controle. As estatísticas complexifica-se-ão e haverá divisões por gênero, saber-se-á que disciplina é aquela que mais aprende as meninas e os meninos, por raça e etnia.

Na história da representação da criança o pequeno Jesus, infinitamente representado, será o modelo exemplar e moral: piedoso, inocente e assexuado. A criança será representada como um anjo, nua e assexuada, nua e sem nudez, já que a imagem de santidade, ingenuidade e pureza se sobreporão e não se verá a nudez das crianças: todas nuas.

Virão os pedagogos, os primeiros socialistas do século XIX e prescreverão trabalho e educação, trabalho como a base da humanidade. O debate sobre cuidar, educar e ensinar chegará até a atualidade na disputa sobre o saber, o controle e a educação das crianças. A criança será educada no interior

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

do que é ter uma infância, mas na direção de se tornar um adulto que se constituirá em um povo¹ e uma nação.

Em 1920 nos Estados Unidos,² 1932 na França³ e em 1947 no Brasil com o trabalho pioneiro de Florestan Fernandes sobre as trocinhas do Bom Retiro, as crianças, sua infância e sua cultura serão descritas pelos sociólogos.

Mas será a partir da década de 1980 que um campo teórico irá se constituir para “disputar” este saber, que de alguma maneira pertencia à Psicologia e à Medicina que centrava o foco no adulto. A criança e sua infância sairão do interregno que estavam colocadas. A Sociologia da Infância fará algumas inflexões na tentativa de falar da criança e da infância a partir de outros referenciais e, também, prescreverá novas e outras modalidades para entender o que é ser criança e ter uma infância. Na França esta sociologia nasce do campo saturado da Sociologia da Educação, e na Inglaterra e nos Estados Unidos é um campo que advém dos estudos feministas e da Antropologia. No Brasil a Sociologia como campo começará a se constituir a partir da década de 90, na confluência entre os pedagogos e os sociólogos prioritariamente.

De acordo com Montandon (2001), foi, sobretudo nos Estados Unidos durante os anos 1920, que o interesse pelos estudos da criança obteve um avanço. Foi por volta do final do século passado que, em meio a um contexto de industrialização crescente e também de urbanização e imigração, emergiu um interesse pelos problemas da criança, principalmente relacionados às questões do trabalho infantil, deficiência mental e delinquência juvenil. Nesse início, os sociólogos pouco se manifestaram, houve uma presença maior nesse campo dos filantropos e reformadores sociais, juntamente com médicos e psicólogos que intensificaram as discussões envolvendo a infância.

A Sociologia, até então, não tinha reservado às crianças uma atenção específica, pois estas sempre eram estudadas como um fenômeno interligado à escola e à família e atreladas à discussão sobre a socialização da criança como uma forma de inculcação dos valores da sociedade adulta. A partir dos anos 1980, os trabalhos sociológicos sobre a infância se multiplicaram. Várias publicações foram feitas em revistas especializadas, como era o caso da *Sociological Studies of Children*, e outras que não eram especializadas em assuntos da infância, e ainda, as obras que começaram a aparecer, como foi o caso das publicações de Corsaro, Cunningham, James, Prout, Jenks e Qvortrup, Sirota e Pinto entre outros.

Quais são as inflexões propostas pela Sociologia da Infância que merecem destaque para podermos pensar uma Sociologia da Infância no Brasil?

Este campo teórico aparece a partir da inflexão da concepção de socialização, que vinha sendo pensada até então segundo os aportes durkheimianos. Os sociólogos se voltavam para o estudo das influências desta

socialização na vida das crianças a partir de uma perspectiva estrutural-funcional. Especialmente a Sociologia da Educação permaneceu durante um longo período presa à definição durkheimiana de imposição dos valores adultos sobre a criança, levando estas a permanecerem no silêncio, “mudas”, ou seja, em uma posição marginalizada e passiva diante do mundo adulto.

Esta inflexão permite pensar a criança como sujeito e ator social do seu processo de socialização, e também construtores de sua infância, como atores plenos, e não apenas como objetos passivos deste processo e de qualquer outro. A partir desta primeira inflexão, outras foram realizadas e, dessa forma, permitiram o surgimento de novas temáticas, bem como a elaboração de novas metodologias que buscaram entender as crianças como produtoras de culturas, a partir delas próprias.

Interessante notar que a maior parte dos estudos feitos sobre as culturas infantis foi realizada em contextos escolares, ocupados predominantemente por crianças e, por isso mesmo, locais onde os pesquisadores poderiam encontrar mais facilmente seus sujeitos de investigação. Cabe perguntar se, em outros lugares, nos dias de hoje, poderíamos encontrar as mesmas evidências da existência de uma cultura infantil autônoma? Há autores que sugerem que talvez o que estamos chamando de cultura infantil exista mais nos espaços e tempos nos quais as crianças têm algum grau de poder e controle. É o caso dos pátios da escola, no recreio, nos parques de recreação existentes nas escolas, nos tempos vagos existentes nas rotinas criadas pelos adultos, nos grupos das ruas, pois são espaços em que geralmente as crianças estão livres do olhar adulto.

É importante destacar que o processo de socialização pensado e construído como uma maneira asséptica e indolor de produzir crianças e configurar infâncias é um processo nem simples, nem fácil e nem mesmo indolor. A socialização é um processo social de exercício de poder e saber que se impõem sobre a criança, para produzi-las. A partir dos pressupostos da Sociologia, este processo deve ser entendido e descrito com a participação ativa da criança: ora resistindo, ora reinventando, ora imitando, ora aceitando etc.

Do ponto de vista epistemológico, a Sociologia da Infância não utiliza expressamente uma teoria, um autor, mas aproveita de um

movimento da sociologia interacionista, do movimento da fenomenologia, e dos *approches* construcionistas que fornecem os paradigmas teóricos desta nova construção do objeto. Há uma leitura crítica do conceito de socialização e de suas definições funcionalistas que leva a reconsiderar a criança como ator social. (SIROTA, 1998)

Além da leitura crítica da idéia de reprodução social.

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

Do ponto de vista metodológico a etnografia, na maioria dos trabalhos, aparece como suporte essencial para entender o ponto de vista da criança, pois esta é uma tarefa árdua. A ênfase é na alteridade e não, por exemplo, nas crianças pobres; portanto, não é Antropologia. A Sociologia da Infância proclama a necessidade de ferramentas metodológicas que se conectem com os “devires” imprevisíveis, já que as crianças, em determinados momentos, rompem com aquilo que para nós é natural e necessário. Qual é o ponto de vista que temos que adotar para entender o ponto de vista das crianças, desde a mais tenra idade?

Há muitas questões que vem sendo aprofundadas a partir desta inflexão do conceito de socialização: a própria concepção de sujeito e a questão dos processos de subjetivação dos atores sociais. Apesar de podermos considerar que há um certo retorno da temática do sujeito, já que o estruturalismo o secundarizou, é preciso ainda precisar: quem é este sujeito? Qual sua autonomia? Descrever os processos de assujeitamento e os processos de subjetivação – qual é a força do sujeito? E o sujeito, criança? Qual é o lugar do desejo na Sociologia da Infância? O sujeito da Sociologia da Infância francesa pode ser o mesmo de uma Sociologia da Infância no Brasil?

A noção de sujeito na Sociologia da Infância ainda é incerta. Por um lado, há os autores chamados construtivistas como Giddens e/ou Bourdieu, cuja noção de sujeito segue o percurso marxista, fundado na máxima de que os homens fazem a história a partir de determinadas condições. Mas este ainda é um campo aberto, pois a noção de sujeito é também disputada, bem como os processos de subjetivação. O que é a subjetividade infantil já que: “é desde a infância que se instaura a máquina de subjetividade capitalista, desde a entrada da criança no mundo das línguas dominantes, com todos os modelos tanto imaginários quanto técnicos que ela terá que se inserir”? (GUATTARI, ROLNIK, 2007, p. 58).

A partir da Sociologia da Infância a criança não é entendida como uma criança essencial, universal e fora da história. A Sociologia da Infância vem problematizando a abordagem psicológica e biológica de compreensão da criança, pois recusa uma concepção uniforme da infância, visto que mesmo considerando os fatores de homogeneidade entre as crianças como um grupo com características etárias semelhantes, os fatores de heterogeneidade também devem ser considerados (classe social, gênero, etnia, raça, religião etc), tendo em vista que os diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças.

É importante enfatizar de que não basta trocar o axioma: a criança não é essencial ou natural para o axioma – a criança é social e histórica. A definição sobre a criança e a infância, em muitos artigos pesquisados, é obscura, na medida em que aparece como uma simples inversão de axioma: como é este processo social e histórico de construção de crianças e de infâncias?

A questão da idade, até então pensada como algo natural e biológico, sofre também uma inflexão e do ponto de vista histórico e social passa a ser denominada com o conceito de geração (MANNHEIM, 1990), no entanto, esta inversão; não produz diferenças em geral, pois geração e idade passam a ser quase que tomadas como sinônimas. O mesmo acontece com os trabalhos de gênero cuja diferença em relação ao sexo não é levada em conta; fala-se de gênero, mas são trabalhos sobre mulheres. Tanto a noção de idade como a de geração têm servido às hierarquizações, às classificações, às distinções e às relações de poder, que de certa maneira a idéia de experiência impediria. O conceito de geração possibilita entender o caráter relacional do conceito de infância, visto que pretende pensar a relação entre a infância e a idade adulta.

A Sociologia da Infância opera também a mudança no ofício (*Métier*) do aluno para o *métier* da criança, já que há um esforço de desescolarizar a criança no entanto, pensar sob a perspectiva de *métier* comporta prescrições normativas e comportamentais, a partir de um certo conhecimento científico das necessidades e disposições da criança. Por exemplo, a prescrição de que brincar faz parte do “ofício” da infância faz com que, em determinados trabalhos, as crianças que não brincam sejam entendidas como sem-infância, o contrário do que preconiza a Sociologia da Infância. Pois a infância é reproduzida todo o tempo, e também durante a guerra, quando as crianças são capazes de, por exemplo, ao colocar um pedaço de pano na boca de um canhão, “fazer fugir” a guerra, transformando canhão em balança e, de certa forma, exercitando a infância.⁴ E há aquelas crianças, em geral meninos, que são soldados na guerra – o que é esta infância? A Sociologia da Infância preconiza também, como o feminismo, enquanto um movimento político, já que entende as crianças como porta-vozes competentes de suas próprias histórias e vidas e das relações sociais (MAYALL, 2007). É importante descrever este “corredor” qual a criança percorre ao sair de sua casa e entrar na escola, por exemplo, esta passagem entre o ofício da infância para o ofício de aluno, que tipos de socialização, individualização, processos de subjetivação estão postos nesta passagem, na perspectiva da criança?

Na realidade há muitas dificuldades para aqueles que pretendem realizar estudos sobre a criança e a infância, que se complexificam na medida em que temos que produzir formas de entender e de escutar o que as crianças dizem. Por vezes o cardápio de sentidos de que dispomos é insuficiente para compreender estas falas. A criança é portadora da diferença, da diversidade e da alteridade.

Nesse sentido, todos falam de diversidade e de diferença e propõe-se o multiculturalismo como uma pedagogia possível para compor o diverso; no entanto, a proposta multicultural é, de certa forma, um tipo de relação, na medida do possível consensual, que se estabelece entre aqueles que já estão com aqueles que já foram capazes de produzir alguns sentidos e compor cultura, e como podemos fazer com aqueles que ainda não estão, com aqueles que não

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

entendemos? Concordamos com Rutherford de que as diferenças de culturas não pode ser uma coisa para se encaixar numa moldura universalista.

O primeiro elemento de reflexão é que uma vez que o que está sendo questionado é a possibilidade ou suposição de que todas as formas de diversidade cultural sejam passíveis de compreensão com base num conceito particular universal, seja este o de 'humanidade, classe ou raça'. Por quê? Porque qualquer tentativa de compreensão a partir de um conceito particular universal pode ser a um só tempo muito perigosa e muito limitadora na percepção dos modos pelos quais as práticas culturais constroem seus próprios sistemas de significação e organização social. (RUTHERFORD, 1996, p. 36)

E isso vale também para entendermos o que vem sendo chamado de "cultura da infância". A contemporaneidade tem se caracterizado como um momento no qual as diferenças estão sendo exaltadas e até cultuadas, por exemplo, como a cultura negra: suas músicas, suas danças, seu jeito de ser, o estilo do cabelo etc. No entanto, essa exaltação da cultura negra vem acompanhada também de uma nova forma de racismo que se veste de uma nova roupagem, pois se organiza a partir de uma *inclusão diferenciada*. A cultura é usada para cumprir o papel que a Biologia desempenhava.

E isso se deve ao fato da natureza do período de globalização cultural atualmente em processo; segundo Hall, o pós-moderno registra certas mudanças estilísticas no que ele chama de *dominante cultural* que também representou uma mudança no terreno da cultura, pois há uma "ambivalente fascinação do pós-modernismo pelas diferenças sexuais, culturais e, sobretudo, raciais" (HALL, 2003, p. 337). O momento atual faz emergir a discussão sobre a questão da identidade e da pluralidade.

Quais são 'ao nosso ver' as dificuldades para se estudar a criança e a infância? A criança não é só o presente que ela inscreve em si, ela traz o passado, isto é um presente no qual os adultos jamais poderiam ter tido, anunciam também e são portadoras de um futuro, do devir, mas também são a fissura, o corte e a descontinuidade. A infância é um encontro entre os tempos e as gerações, e as descontinuidades. Ela é o encontro de um tempo cronológico e do tempo intempestivo. Pensar a criança e sua infância é pensar a contemporaneidade que, segundo Agamben (2009), é a luz e a sombra de uma determinada época. Ou seja, o que a criança fala, diz e age, a maneira pela qual ela subjetiva o mundo, nos diz de um presente que conhecemos e podemos decifrar, mas também nos é obscuro, por isto contemporâneo. Agamben no texto *Qu'est-ce que le contemporain?* diz: (2009, p. 28) "o contemporâneo é aquele que fixa o olhar sobre o seu tempo para perceber não as luzes, mas a obscuridade. Todos os tempos são obscuros para aqueles que enfrentaram a

contemporaneidade. O contemporâneo é então aquele que sabe ver esta obscuridade, na medida em que mergulha sua pena de escritor nas névoas” (tradução nossa).⁵

Fazer Sociologia da Infância, de uma certa maneira, é ser contemporâneo que, segundo Agamben (2009)⁶ é, ao mesmo tempo, “não se deixar cegar pelas luzes do século e conseguir perceber nelas a sua parte sombria, sua sombra íntima”. E também “é uma ação de coragem: pois isto significa ser capazes não somente de fixar o olhar sobre a obscuridade de uma época, mas também de perceber nesta obscuridade uma luz, que dirigida em nossa direção, afasta-se infinitamente” (tradução nossa).⁷

Quais são os pontos a nosso ver importantes para pensar uma sociologia da infância no Brasil.

Se tomarmos, por exemplo, a função social da criança africana, ali a noção de indivíduo não tem valor por si só, o indivíduo não tem existência própria, ele existe em função da sociedade, a criança interessa enquanto ela pode interessar a sociedade, a morte é morte social e não individual. “Ser criança, jovem, adulto ou velho, é mais ocupar uma posição no espaço social e institucional que manifestar um estado dado de maturação” (EZÉMBÉ, 2009, p. 112). Na África “um velho que morre é uma biblioteca que queima” – estes velhos adultos que tradicionalmente detêm um poder imutável “a maldição de um velho sobre um jovem significa a morte social deste último” (EZÉMBÉ, 2009, p. 113). Portanto no processo de socialização, o papel dos adultos é totalmente diferente nestas sociedades. Há um debate posto pelos psiquiatras e psicólogos africanos sobre se há o Édipo nestas sociedades:

nas entrevistas com diferentes psiquiatras e psicólogos africanos mostram que eles se referem muito pouco à noção do complexo de Édipo, que eles consideram um ‘assunto de branco’, apesar de que outros consideram que isto está se modificando como efeito da urbanização, da aculturação e os quadros tradicionais de proteção da família estão se modificando. (EZÉMBÉ, 2009, p. 137)

O que significa isso? Significa que não há possibilidade de se fazer Sociologia da Infância da mesma maneira, com os mesmos aportes teóricos e metodológicos em sociedades tão distintas. Se a criança africana é um coletivo, como pensar a autoria social? Qual a concepção de sujeito na base desta sociedade?

As crianças ocupam um lugar aparentemente periférico na história em geral, e isso se reflete na dificuldade em encontrar material produzido a partir delas mesmas. Ao mesmo tempo em que não são elas que escrevem sua própria história e nem são elas que registram suas imagens, as crianças têm sua

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

história contada e retratada por outros. E, ao estudarmos a história das crianças, percebemos o lugar protagonista que ocupam, especialmente na função de mediação: entre, por exemplo, o estado e a construção civilizatória no interior da idéia do “povo” e as famílias; durante o século XIX, entre a língua de origem escrava e o português, entre a moral e as regras hegemônicas de higiene, saúde e aquelas que vivem ou viveram em seu cotidiano etc.

Se pudéssemos pensar em uma história da criança negra, por exemplo, perceberíamos que durante a escravidão no Brasil elas tinham uma importância mediadora; por um lado as crianças tornavam-se bilingües, pois eram detentoras da língua imposta pelo mundo hegemônico dos senhores e acessavam o linguajar falado, nos locais de circulação: becos, mercados, bicas etc. Por outro lado, a função de “moleque de recado” atribuída às crianças, ainda hoje é evocada como desqualificadora de *status* e encobre múltiplas atividades desenvolvidas pelos meninos negros no meio urbano, inclusive levar e trazer recados efetivamente, mais orais do que escritos, já que uma parcela ínfima da população detinha habilidades da escrita.

O que queremos dizer é sobre a necessidade de pensar o que tem sido o processo de socialização das crianças mas, sobretudo, pensar outras e novas formas de socialização para a produção de novas crianças e outras infâncias no sentido de pensar uma outra forma de educação com crianças pequenas.



“Só me interessa o que não é meu. Lei do homem.
Lei do antropófago”

Por uma Educação da Infância no Brasil

Como criar e produzir um espaço fora das amarras de sentido, da idéia de infância/povo, uma espécie de espaço fora-da-infância, uma banda larga, uma margem maior, que nunca se sabe exatamente onde se vai chegar, em que as crianças possam ficar sós, pensar, grunhir, falar etc.?

Se se quer produzir diferença é porque ela está ali e precisa fazer valer sua potência política, precisa ser tirada do lugar do estranho, do horrível e da aberração. Mas isso num movimento não de conversão em lucro para o capital, que tem sido hábil em lhes retirar o que têm de único e talvez último, que são sua potência e sua vida. A diferença precisa ser retirada da cena em que foi satanizada para ser recolocada na multidão, na qual a paisagem é indefinida, em que não se sabe exatamente quem é quem e o que é o que, mesmo porque ela é nômade, quem estava ali não está mais, quem chegou já saiu.

A educação de crianças pequenas as coloca no espaço público, que deveria ser um espaço não fraternal, não doméstico e nem familiar. Queremos dizer com isto que o espaço público é aquele que permite múltiplas experimentações. É o espaço, por excelência, da criação, em que se exercitam formas diferentes de sociabilidade, subjetividade e ação, o que não é possível em espaços familiares, que priorizam a segurança material e imaterial. O espaço público expõe e possibilita à criança outros agenciamentos, afetos e amizades. É preciso saber aproveitar as possibilidades de acontecimentos que se inauguram na cena pública e escolar. A professora não é a mãe, nem tia; a colega não é a irmã; e brincar de casinha não é imitar papai-e-mamãe, bem como as histórias infantis não precisam remeter a um final feliz e nem à idéia de mulher, de casal e de povo. Nesta educação a professora está fortemente empenhada em entender o que as crianças falam, o que querem conhecer, o que há de interessante a fazer e a deixar de fazer, a estudar, deixar para lá; pensar o que há de interessante para visitar, que novas formas de brincar podem ser brincadas, que músicas e que danças podem ser inventadas. Talvez valha a pena aproveitar a idéia das cem linguagens preconizada pela escola italiana no interior de uma educação com a criança, no espaço público, em que as afectibilidades criem novas redes de solidariedade e pensamento para que se possibilite um devir-criança. (ABRAMOWICZ; LEVCOVITZ; RODRIGUES, 2009)

A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção

Ana Lucia Goulart de Faria (2002) fala de uma educação macunaímica e, colocando-se ao lado do Movimento Antropofágico, considera como primeira manifestação do que poderia ser chamado de pensamento pós-colonialista no Brasil. Aliando-se à idéia defendida em 1976 por Fúlvia Rosemberg, a autora considera o adultocentrismo como uma forma de colonização e vê na brincadeira infantil – não a capturada pela Pedagogia como estratégia de aprendizagem, educação e, sobretudo controle, mas sim a expressão do protagonismo infantil de um exercício da capacidade inventiva da criança, já que a capacidade de criar também deve ser produzida. Segundo as palavras da Ana “eu digo que é (quase) a única ação humana completa que não separa o pensar do fazer. É a imaginação sendo exercitada”.

Achamos necessário também que a Educação Infantil seja capaz de compor uma educação pós-colonialista, aproveitando-se, de maneira antropofágica, daquilo que está posto como inventividade e diferença no campo da Educação. Não há nenhuma possibilidade de absorver o outro sem se alterar – na Antropofagia, este movimento na temática sobre o outro, comer o outro para poder criar algo que era “outro” e somente assim, novo, pois novo nesta perspectiva é a capacidade de outrar-se.

Precisamos no nosso trabalho cotidiano incorporar o discurso das diferenças não como um desvio que o lugar do diferente tem sido colocado, mas como o mote de nossas práticas e das relações entre as crianças.

Esta seria uma postura que reclama novos afetos, uma nova forma de se relacionar com o diferente, com o estrangeiro, ou seja, com a diversidade, com o outro que não é mais um “mesmo” de mim, que segundo Pelbart (1993, p.11) “é brincar de desfazer certas ordens cristalizadas no espelho do Tempo”, buscando assim, outras maneiras de vida, já que as opções que nos são dadas encontram-se por vezes pobres e sem possibilidades.

A diversidade precisa ser produzida, mas de acordo com Pelbart,

não basta reconhecer o direito às diferenças identitárias, com essa tolerância neoliberal tão em voga, mas caberia intensificar as diferenciações, incitá-las, criá-las, produzi-las [...] recusar a homogeneização sutil, mas despótica em que incorremos às vezes, sem querer, nos dispositivos que montamos quando os subordinamos a um modelo único, ou a uma dimensão predominante. (PELBART, 1993, p. 23)

Referências

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D.; RODRIGUES, T. Infâncias em Educação Infantil. **Pró-Posições**. UNICAMP, v. 20, n. 3(60), set./dez. 2009.

Anete Abramowicz – Fabiana de Oliveira

AGAMBEN, N. *Nudités*. Paris: Éditions Payot& Rivages, 2009.

ARROYO, M.; ABRAMOWICZ, A. **A reconfiguração da escola**. Entre a negação e a afirmação de direitos. Campinas: Editora Papirus, 2009.

BROUGÈRE, G.; VANDENBROECK, M. **Repenser l'éducation des jeunes enfants**. Bruxells: P. I. Peter Lang, 2007.

FARIA, A. L. G. **Educação pré-escolar e cultura – por uma pedagogia da educação infantil**. São Paulo: Cortez e Editora da Unicamp, 2. ed. 2002.

GUATTARI, F. **La Révolution moléculaire**. Paris: Encre, Recherches, 1977. pulsações políticas do desejo. Tradução Suely Belinha Rolnik, Editora Brasiliense. 1985. 2. ed.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

Éducation et Sociétés. **Revue Intenationale de Sociologie de L'Éducation**. DeBoeck Université, 1998, N. 2.

EZÉMBÉ, F. **L'enfant africain et ses univers**. Paris: Éditions Kharthala, 2009.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MANNHEIM, K. **Le Problème des générations**. traduzido do alemão [1928], Paria: Nathan, 1990.

MAYALL, B. Sociologies de l'enfance. In: BROUGÈRE,; G. VANDENBROECK, M. **Repenser l'éducation des jeunes enfants**. Bruxells: P. I. Peter Lang, 2007.

MONTANDON, C. Sociologia da Infância: balanços dos trabalhos de língua inglesa. In: **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 33-60. mar./2001.

_____. La sociologie de l'enfance: l'essor des travaux en langue anglaise. In: **Éducation et Société** n. 2, 1998.

PELBART, P. P. **A Nau do Tempo Rei**. 7 Ensaio sobre o tempo da Loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RUTHERFORD, J. O terceiro espaço. Uma entrevista com Hommi Bhabha. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 35-41, 1996.

ROSEMBERG, F. Educação pra quem? **CIÊNCIA E CULTURA** v. 28 (12), 1976, apud FARIA, A. L. G. de: Anais do congresso luso-afro-brasileiro em Braga 2009.

SIROTA, R. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 07-31, mar./2001.

_____. L'émergence d'une sociologie de l'enfance: évolution de l'objet, évolution, in **Éducation et Sociétés**. Revue Intenationale de Sociologie de L'Éducation. DeBoeck Université, 1998, n. 2.

_____. (Org.). *Éléments pour une sociologie de l'enfance*. Paris: PUR, 2006.

A imagem nos foi enviada por Ana Lucia Goulart de Faria e foi retirada do *site*: vozdoseven2.weblog.com.pt. <http://mmg.photobucket.com/image/meninosaficanos/Seven2005/diversos5/circlelo4.jpg.html>

Notas

- ¹ “Povo” e “multidão” remetem ao campo no qual o debate sobre a educação está inserido, já que figuram como conceitos decisivos para a compreensão da política e da esfera pública. Para Virno (2001), a noção do povo prevaleceu à de multidão, cujo conceito se esvaziou e se “perdeu”. Não mais se falou em multidão: Hobbes prevaleceu sobre Espinosa. Sabemos o que significa viver sob a égide da idéia de povo e fazer da educação a base para sua construção. A idéia de povo gera conseqüências como o Estado, Estado-Nação, Estado centralizado, território, língua hegemônica, raça etc. Caminha, portanto, para a produção do uno. A educação que subsidia e contribui para a formação do povo segue a centralidade, a homogeneidade e a adoção de modelos de educação mais apropriados para essa produção”. (ABRAMOWICZ, LEVCOVITZ; RODRIGUES, 2009)
- ² ...”Os sociólogos, pouco presentes no início deste movimento, se manifestaram de maneira muito espetacular a partir dos anos 20, notadamente cinco figuras da sociologia americana: William I. Thomas, Dorothy S. Thomas, Stanley P. Davies, E. W. Bruggess e Kimball Young. Estes pesquisadores foram os pioneiros, se olharmos as análises que Ambert (1986) realizou sobre o lugar que ocupam as crianças nos trabalhos clássicos de sociologia, o número de páginas consagrados às crianças (a exceção de Durkheim na Educação Moral) é ínfima”. MONTANDON, La sociologie de l'enfance: l'essor des travaux en langue anglaise, in *Éducation et Société*, p. 92) Tradução livre das autoras.
- ³ Marcel Mauss apresentou uma comunicação sobre a sociologia da infância em um congresso ocorrido em 1937, redescoberto e publicado por Fournier, *Gradhiva*, em 1996. (SIROTA, 1998).
- ⁴ A idéia da infância é entendida por nós como aquela que “carrega possibilidades de acontecimento, inusitado, disruptivo, escape que nos interessa para pensar a diferença. O que se quer dizer é que a experiência da infância não está vinculada unicamente à idade, à cronologia, a uma etapa psicológica ou a uma temporalidade linear, cumulativa e gradativa, já que ligada ao acontecimento, vincula-se à arte, à inventividade, ao intempestivo, ao ocasional, vinculando-se, portanto, a uma des-idade. Dessa forma, como experiência pode também atravessar, ou não, os adultos. Há pessoas que são mais ou menos atravessadas por ela. É a infância que pode vir a propiciar os devires enunciados neste artigo. Devir não como um vir-a-ser, pois já vimos que nada tem a ver só com futuro, com uma cronologia qualquer, mas sim com aquilo que somos capazes de produzir e de inventar como possibilidade de vida, potência de vida, o poder da vida se opondo ao poder sobre a vida. Pois o espaço da criação também deve ser produzido, numa espécie de produção de produção do espaço de criar”. (ABRAMOWICZ, LEVCOVITZ, RODRIGUES, 2009)
- ⁵ «Le contemporain est celui qui fixe le regard sur son temps pour en percevoir non les lumières, mais l'obscurité. Tous les temps sont obscurs pour ceux qui en éprouvent la contemporanéité. Le contemporain est donc celui qui sait voir cette obscurité, qui est en mesure d'écrire en trempant la plume dans les ténèbres».
- ⁶ AGAMBEN, . *Nudités*. 2009, Éditions Payot& Rivages.
- ⁷ «Seul peut se dire contemporain celui qui ne se laisse pas aveugler par les lumières du siècle et parvient à saisir en elles la part de l'ombre, leur sombre intimité” (p. 29) e também “une affaire de courage: parce que cela signifie être capables non seulement de fixer le regard sur l'obscurité de l'époque, mais aussi de percevoir dans cette obscurité une lumière qui, dirigée vers nous, s'éloigne infiniment».
- ⁸ Manifesto Antropófago escrito por Oswald de Andrade e publicado em maio de 1928.

Anete Abramowicz – Fabiana de Oliveira

Correspondência

Anete Abramowicz – Rua Virgílio Pozzi 91. CEP: 13564-040 – São Carlos (SP).

E-mail: anatabra@ufscar.br

Recebido em 12 de novembro de 2009

Aprovado em 22 de dezembro de 2009